

O TEMPO E A TRAMA O PADRE CÍCERO NA NARRATIVA DOS DEVOTOS

*Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos**



1. Introdução

Mais do que o dia, era a noite que lhe dava o que contar. Contava, por exemplo, que a alma do seu pai havia pedido para ele não deixar os estudos. De fato, ele não deixou, mas o mais interessante é que história continua e, além de continuar, se encerra profética: falando sobre o sonho, ele conseguiu o apoio de um padrinho para iniciar e concluir a formação no Seminário de Fortaleza.

Em pauta, portanto, o poder da narrativa: para convencer o padrinho, primeiramente. Depois, para dar um sentido religioso à vida de quem contava. No engate dos fios, a trama estava segura: um fato gerava o outro. Daí a coerência da boa narrativa, com começo (o sonho), meio (o padrinho) e fim (o seminário). Melhor do que isso, porém, foi pôr o enredo como preâmbulo de uma história maior: a história de Juazeiro do Norte.

No final de 1871, a convite de amigos, ele celebrou a Missa de Natal na Capela de Juazeiro do Norte, na época um povoado com algumas casas e dois pedaços de rua. Lá, na primeira noite de sono, mais uma visão: sentado numa cadeira da mesma sala onde dormia, ouviu, mas sem entender, as vozes que vinham de fora. Inopinadamente, Cristo e os doze apóstolos entraram e formaram uma cena: a Santa Ceia, de Leonardo da Vinci. Nada estranho, já que muitos sertanejos tinham no oratório da casa a reprodução (ou a recriação) do quadro.

“Estou muito magoado com as ofensas que os homens estão fazendo”, reclama Jesus. “Vou fazer”, continua, “um último esforço para mostrar o amor infinito do meu coração”. Jesus se volta para o Padre e pergunta “Você está vendo essa gente?”. Cícero então vê a chegada de uma leva de famintos e recebe a ordem do Filho de Deus: “Tome conta deles” (Cf. SOBREIRA, 1969: 35-43).¹ Portanto, mais um desfecho para o alargamento do volume de histórias que ele gostava de contar; desfecho que, tal como as *Mil e uma Noites*, convocava o início de mais uma boa história, quer dizer, boa para contar e melhor ainda para ouvir.

Com a mãe e duas irmãs, ele foi morar em Juazeiro do Norte. Tinha 28 anos. Celebrava missa, recebia confissões, fazia batizados, dava a Extrema-Unção, repetia conselhos e, como era de se esperar, contava histórias, sobre a vida dos santos e outros exemplos de elevação espiritual. Fazia, pois, o que qualquer padre costumava fazer. Até com maior gosto, porque dizia estar ali pela missão que Cristo havia lhe dado.

Até morrer, continuaria a ter sonhos. Em um deles, talvez o mais conhecido, um grande urso irrompeu o ventre da terra e era recebido por uma festa de meninos nus. “Por que isso?”, perguntou o Padre Cícero. “Estamos alegres”, eles responderam, “porque este é o *Garra das Garras*” (Cf. XAVIER DE OLIVEIRA, 1982: 52).

Em março de 1889, mais visões. Desta vez, de dia e com provas. Acontecem, pela primeira vez em público, os milagres de Juazeiro do Norte. A hóstia verte sangue, transforma-se em sangue, tão rubro e abundante que chega a correr pelo braço da beata Maria de Araújo até empoçar o chão. Tanto sangue, tão vistoso, se concluiu, só poderia ser o sangue de Cristo. Começava, assim, o fluxo da romaria, igualmente abundante e vistoso. Não para todos: apenas para os olhos que sabiam ver e os ouvidos que sabiam escutar.

As narrativas, assim como sangue, transbordam. Aos derrames pela hóstia ligam-se visões e conexões de outras beatas com o Céu, além das histórias individuais, contadas por parte de cada romeiro que alcança

¹ Antes de relatar a aparição de Cristo com os Doze Apóstolos, o Padre Azarias Sobreira fez, no seu livro *O Patriarca de Juazeiro*, o seguinte comentário: “Houve, logo no alvorecer do seu ministério, um caso muito íntimo que ele, Padre Cícero, me referiu confidencialmente...”. Já a professora Amália Xavier, em seu livro *O Padre Cícero que eu conheci*, publicado em 1969, afirmou que a visão era “coisa conhecida por muitos juazeirenses a quem ele mesmo (O Padre Cícero) contou, pormenorizando...” (XAVIER DE OLIVEIRA, 1982: 47). Presume-se que, em tom confidencial, o Padre Cícero espalhou a história em várias ocasiões. O fato, enfim, se tornou o mito fundador de Juazeiro do Norte e a explicação do que iria acontecer.

sua graça. Para completar, passam a correr notícias sobre a descrença do Bispo, funcionando como o polo negativo de Juazeiro do Norte, ou melhor, a contraposição que faz uma narrativa ficar mais interessante, na medida em que o bem é posto diante do mal.

Em novembro de 1889, uma carta do Bispo Dom Joaquim pede explicações e, o mais grave, avalia o silêncio do Padre Cícero como quebra do voto de obediência (DELLA CAVA, 1985: 73). Somente em 7 de janeiro de 1890, Padre Cícero escreve um relatório, pedindo perdão por não ter se comunicado antes e argumentando que os peregrinos lhe deixavam sem tempo. O fato havia ocorrido no meio de uma seca, explica. O quadro era de desespero. Ainda assim, ninguém deixava de ter esperança. “Romarias, preces e novenas e mais novenas”. Na espera e na súplica, chegara então o dia de “comunhão reparadora grande ao Sagrado Coração segundo sua divina intenção”. Após uma noite de confissões, veio então a origem de tudo. Na boca de Maria de Araújo, a hóstia transformou-se em sangue, “uma parte ela engoliu, servindo-lhe de comunhão, e a outra correu pela toalha”.

“Vexado para continuar as confissões”, admite o Padre Cícero, “não prestei atenção e por isso não apreendi o fato, na ocasião em que se deu; porém, depois que depusitei a âmbula no Sacrário, eu vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte”. Conclusão: “para maior honra e glória de Deus, eu sou obrigado a dizer que é verdade, porque fui testemunha muitas vezes”.

D. Joaquim José Vieira fica com dúvidas. Pede a transferência de Maria de Araújo de Juazeiro do Norte para a Casa de Caridade do Crato, mas não foi obedecido. Começa, desse modo, a longa sequência de atritos entre as autoridades da Igreja e o capelão de Juazeiro do Norte. Na carta do dia 4 de julho de 1890, D. Joaquim pondera: se Maria de Araújo fosse realmente uma santa, ela estaria pronta para obedecer. “Para mim”, ele conclui, “está tudo acabado, não há sobrenaturalidade” (*Apud.* MAIA, 1974: 55, 56 e 57).

Ai teve, então, uma longa rede de tensões e conflitos entre o Padre Cícero e os bispos do Ceará. Não será essa a questão, porém, sobre a qual pretendo desenvolver o presente texto, e sim as narrativas dos devotos que começaram a surgir em 1889. Não apenas inventariar ou identificar aquilo que os fiéis contaram, mas afirmar que esse caleidoscópio de narrativas faz parte da sacralização de Juazeiro do Norte, dotando-o de sentidos que ligam a vida do devoto à vida do Padre Cícero. Pressupõe-se, então, que tais narrativas são criadoras e criaturas de Juazeiro do Norte.

As primeiras narrativas das beatas e do Padre Cícero falavam em milagres com origem noutras histórias, que estavam na Bíblia ou nas vidas dos santos, transmitidas por tradições orais e escritas. Familiarizados com o contar e o ouvir de graças alcançadas, bem como das prodigiosas biografias de homens e mulheres escolhidos por Deus, os devotos dos sertões receberam as notícias sobre o “Milagre de Juazeiro” como um acontecimento extraordinário, porém inserido em perspectiva coerente e plausível. Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodígios de Juazeiro do Norte na medida em que todos também se sentiram partícipes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias produziam crenças.

Antes de explicado, Juazeiro do Norte é narrado. O pesquisador que se debruça sobre o que foi dito ou escrito sobre a cidade toma um susto que, no decorrer do tempo, volta a se repetir. Cada romeiro conta suas histórias e, atualmente, a romaria chega a ter quase um milhão de devotos por ano. A respeito de documentos escritos, a situação é semelhante: os inventários que dão conta do número de cordéis sobre Juazeiro são constantemente superados, em razão da descoberta de um exemplar desconhecido dos pesquisadores ou por causa da publicação de um novo folheto.

Além de ter sido a cidade onde viveram poetas de significativa importância, como João de Cristo Rei (1900-1983), Manoel Caboclo (1916-1996) ou Expedito Sebastião (1928-1997), Juazeiro do Norte destacou-se como um centro de impressão de folhetos. Duas grandes oficinas espalharam folhetos por todo o Nordeste, durante mais de 40 anos: a tipografia do poeta José Bernardo da Silva, no decorrer dos anos 1940 e 1950, e a tipografia de Manoel Caboclo, nos anos de 1960 e 1970. Todos eram devotos do Padre Cícero, e fizeram, com estilos próprios e marcantes, uma tessitura de narrativas que ritualizaram a sacralidade de Juazeiro do Norte. Constituíram parte da imensa produção de narrativas que até hoje circulam pelos ouvidos dos romeiros. Uma produção poética escrita (e falada) na linguagem dos devotos, como meio de autocompreensão e engendrando relações de pertença.²

² Nesse sentido, a observação de Paul Ricoeur é bastante inspiradora: “contrariamente à tradição do *cogito* e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral, de tudo o que chamamos de o *si*, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura?” (1990: 58).

Com a hóstia que vertia sangue, o povoado foi se transformando em cidade de migrantes que alargavam o tamanho das ruas e romeiros que faziam de Juazeiro do Norte um “Centro do Mundo”. De algum modo, todos esses sertanejos se moveram na esperança de ter soluções para as dores do dia a dia. Para curar uma doença, para pedir um bom casamento, emprego, um pedaço de terra ou inverno abundante, migrantes e romeiros exercitavam uma fé cotidiana, como parte das astúcias que procuravam superar desventuras e necessidades do viver. Foram esses devotos que transformaram Juazeiro do Norte em lugar sagrado: meio do mundo e de sobrevivência.

2. A tessitura hagiográfica

A mulher rouba a criança e, no berço vazio, deixa outro recém-nascido, sorridente e de olhos azuis. Os pais, Joaquim e Vicença Romana, ficam sem entender, mas criam o menino como se fosse o filho levado. Só o tempo iria mostrar que a troca tinha sentido. Um sentido maior do que se poderia imaginar.

Para registrar o fato, foi preciso também apelar para a rima, como fez o poeta João de Cristo Rei e como fizeram muitos outros que contaram o nascimento do Padre Cícero. Os romeiros já sabiam, mas era preciso confirmar que ele “veio habitar neste mundo/com a ordem do Eterno/ para redimir os crimes /de todo povo moderno /e defender seus devotos / do castigo do inferno” (folheto: *Nascimento do Padrinho Cícero e a troca misteriosa das Crianças*). Há outras versões, no entanto, em uma delas, foi um anjo quem trouxe a criança de olhos azuis, no meio de uma luz fora do comum, o que explicaria a cegueira da mãe do mãe do Padre Cícero (como se percebe em fotografia da época).

Isolado e piedoso, o menino foi crescendo: “não queria companheiro / nem gostava de brincar / sua preocupação / era fazer oração / ouvir missa e estudar”, assim registrou João de Cristo Rei. A peculiaridade é confirmada por José Bernardo da Silva: “Os meninos lhe chamavam / para na rua brincar / e ele então respondia: / Deus não quer, eu não vou lá / tenho minha ocupação / vou cuidar em oração / que Deus me manda rezar” (folheto: *O Nascimento do Pe. Cícero na Cidade do Crato – CE*).

Em *A Vida e Novos Sermões do Padre Cícero*, a métrica de João Martins de Athayde concluiu que “... a natureza / já tinha o predestinado, / ele aprendia a doutrina / antes de ser ensinado”. Desde cedo, o destino já era claro: “Ele tinha 5 anos /era bem pequenininho, /a noite a mãe procurou /não achou-o no bercinho /achou-o nos pés de uma imagem /dormindo ajoelhadinho”. A

mãe perguntou o que ele ali fazia, e a resposta foi tipicamente hagiográfica: “... eu vim rezar, dormi e sonhei com Deus”.

De acordo com João Martins, “a doutrina de Jesus / ele sempre argumentava”: “Dizia aos outros meninos / ninguém deve se entreter / com as coisas deste mundo / que vão desaparecer / agora as coisas de Deus / foram, são e hão de ser”. Portanto, a repetição do mote *corpo x alma*: “coisas desse mundo” (João Martins), “não brinca com os meninos” (José Bernardo), “nem gosta de brincar”. (Cristo Rei).

De seis para sete anos”, escreve Cristo Rei, o menino passava longas horas fora de casa, não se sabia aonde. Preocupado, chama a “criada” e dizia o autor que “seu trabalho é reparar / onde Cícero vai ficar”. Suspenso. Mas, já que se trata da vida de um santo, o desenlace da narrativa assume um sentido mais ou menos previsível. A “criada” reparou que o menino “levantou-se ocultamente” e “com três imagens entrou / num sítio de bananeira”. Ela o seguiu e descobriu o segredo, “lá num canto sombrio / de longe foi avistando / ele firme ajoelhado / com seus três santo de lado / constantemente rezando”.

O sagrado ganha consistência na medida em que a sexualidade se ausenta. A carne seria o abrigo de um espírito enviado por Deus. Sendo assim, a preocupação dos devotos com a pureza do corpo aparece no nascimento e na infância. Poucos são os comentários sobre o corpo adulto, como se vê, por exemplo, em um folheto de João de Cristo Rei, referindo-se à vida no Seminário de Fortaleza: “nunca se mostrava despido / os outros tiravam a roupa / ele ficava vestido / depois entre os que lhe via / tomava banho e saía / e nunca foi percebido” (folheto: *Nascimento de Padrinho Cícero e a troca misteriosa das crianças*, João de Cristo Rei).

“E quando no seminário / os seus colegas ocupava / os tornos lá da parede / na hora que ele chegava / que torno nela não via / nela o chapéu sacudia / e pregado ele ficava”. Esse é, sem dúvida, o caso mais contado pelos romeiros. Menos conhecido, mas nem por isso menos impactante, é o caso da marca de ferro: “Seus colegas foram um dia / os seus cavalos ferrar / porém ele não querendo / seu bichinho maltratar / por cima a mão lhe passou / e com o dedo aplicou / seu ferro sem o queimar”. Outro pouco conhecido, mas de grande efeito, é o caso contado no folheto *Nascimento do Padre Cícero na cidade de Crato - Ceará*, quando José Bernardo menciona que o padrinho “levantou um morto na serra de São Pedro”.

Não é difícil perceber que essas narrativas são hagiográficas. E, como bem ressalta Michel de Certeau, a hagiografia “se refere não essen-

cialmente 'àquilo que se passou', como faz a história, mas 'àquilo que é exemplar'". (1982: 273). Isso significa que, já no nascimento, há uma marca: "Enquanto que a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que tudo é dado na origem com uma 'vocaçãõ', com uma 'eleição'. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu". (1982: 273). O santo já nasce santo. Padre Cícero veio ao mundo numa "troca misteriosa", já nasceu puro. "Parece que a natureza / já tinha o predestinado", afirma João Martins de Atahyde.

Outra característica da hagiografia que Michel de Certeau ressalta e que também está nas narrativas sobre o Padre Cícero é a presença do sofrimento: a vida do santo tem "um tempo de provações (combates solitários) e um tempo de glorificações (milagres públicos)". (1982: 273). Perseguido pela Igreja, Cícero sofreu calado — eis uma das provas que as narrativas orais ou escritas mostram para pontuar as narrativas sobre o Padre Cícero.

O Padrinho que emerge nas narrativas tem traços da santidade católica. É por isso que, em cada história sobre a sua vida, reúne as vidas de vários outros santos. Trata-se de um santo ao passo que é legitimado por outros "exemplos" de santidade. Se múltiplas histórias fazem o "Santo de Juazeiro", isso significa que inúmeros santos fazem a história do "Padrinho".

3. O Merecimento

O Padrinho protege, mas também castiga. O castigo, é claro, vem para quem pecou, e o pecado mais recorrente é a depreciação. No folheto *A Moça que virou cobra*, de Severino Gonçalves, mostra o caso da filha de um fazendeiro. Descrente, ela chegou a dizer: "Só creio no padre Cícero / quando ele me castigar / fizer eu cair as pernas / meus braços se deslocar / criar ponta e nascer dente / correr virada em serpente / mordendo quem encontrar". No dia seguinte, ela sumiu e ninguém sabia do seu paradeiro. Com três semanas, porém, chegou a notícia sobre uma cobra que se arrastava em Juazeiro do Norte. A moça havia se transformado numa serpente, "leprenta cascuda e feia", lamentando o seu destino e prevenindo os pecadores: "Quando eu zombei de padrinho / era uma gentil menina / porém Deus me castigou / ando cumprindo uma sina / virada em uma serpente / culpada disto somente / foi minha língua ferina". Mas, ainda em Juazeiro do Norte, ela se penitenciou e implorou "valei-me Frei Damião". Orou e o velho capuchinho lhe deu o perdão, "a fera desencantou-se, / estava santificada".

Alguns folhetos mudam os detalhes, mas o conteúdo é praticamente o mesmo: o exemplo da moça que virou cobra (ou outros animais) porque falou mal do Padre Cícero. Em outros casos, novos personagens, igualmente sagrados, como se vê já nos títulos: *O rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião*, de José da Costa Leite; *O Protestante que virou num urubu porque quis matar Frei Damião*, anônimo; *Exemplo da Crente que profanou Frei Damião* (e virou macaca), de Vicente Vitorino; *O Rapaz que virou bode porque surrou a mãe dele*, de Luís de Lira ou *A Moça que Bateu na Mãe e virou Cachorra*, de Rodolfo Coelho Cavalcante.

O pesquisador Mark J. Curran (1987: 154-162) afirma que *A Moça que virou cachorra porque bateu na mãe*, de 1962, atingiu um impressionante número de vendas: em torno de 500 mil folhetos. O sucesso incentivou a criatividade de Rodolfo Cavalcante, que passou a escrever mais sobre a temática, com títulos que não deixavam a menor dúvida sobre o conteúdo da história: *O Rapaz que Bateu na Mãe e Virou Bicho em Feira de Santana*, *A Mulher que Foi Surrada pelo Diabo*, *O Filho que Levantou Falso à Mãe e Virou Bicho*, *A Mulher que Deu à Luz uma Cobra porque Zombou do Bom Jesus da Lapa*, *O Rapaz que virou Bicho em Minas Gerais* e outras.

Ao comentar essa série de narrativas, Mark Curran infere que “a arte do exemplo” está na constituição de uma linguagem colorida e interessante: “Quanto mais terrível seja o monstro penando e a descrição dele, melhor será o folheto.” Isso significa que “não é necessário acreditar no monstro nem no enredo (embora neles acredite muito leitor). O importante é divertir-se com os detalhes da história e aceitar a possibilidade de castigo do mal praticado por um Deus severo e justiceiro” (1987: 161).

Do mundano ao religioso, ou do trágico ao cômico, o sucesso de um cordel está, também, na habilidade com que o poeta manipula as palavras. De um jeito ou de outro, a ressonância do cordel relaciona-se com o poder de sedução da linguagem, com a forma pela qual o poeta descreve detalhes e cria as tramas.

A conquista de uma graça ou o recebimento da pena se enquadram numa experiência religiosa que fornece coerência para o mundo e para as (re)ações de um santo. Além do *Exemplo da Moça que virou cobra porque falou do Pe. Cícero*, existe um impressionante quadro de narrativas que nascem dessa experiência religiosa e, ao mesmo tempo, lhe dão força e concretude. No folheto *Os Milagres de Padrinho Cícero*, João de Cristo Rei nos remete a um caso de significativa popularidade no imaginário dos romeiros. É a história de um rico fazendeiro, “que zombava de meu Padrinho / com seu coração maldoso”. O caso se inicia com a morte de plantas e animais pela

falta de chuva. Desgostoso, o fazendeiro se zanga e manda um portador ir até Juazeiro para dar um recado ao Padre Cícero: "... em minha terra / a lavoura está perdida / e antes que eu perca tudo / com esta seca comprida / me mande um tostão de chuva / para salvar minha vida".

Então meu Padrinho disse
ao portador presente:
um tostão de chuva é muito
ninguém suporta a enchente
para ele se arranjar
basta três vinténs somente

Lhe deu dois vinténs de troco
e o cara voltou vexado
chegando disse ao patrão
pronto: já fiz seu mandado
pegue o troco do dinheiro
e espere o resultado.

O castigo veio, e no mesmo dia: "Então começou do céu / o nevoeiro baixando / a chuva grossa caindo / as águas no chão rolando / a cheia cobrindo tudo / os animais se acabando". Com a ajuda dos vizinhos, o dono da fazenda e sua família conseguiram se salvar, mas tudo o que eles tinham foi destruído: "planta de cana e mandioca / tudo desapareceu / o engenho caiu também / a bicharada morreu".

Sabe-se que, para o católico, há uma troca entre o Céu e a Terra: o devoto pede, o santo dá e recebe o pagamento da "promessa". No caso citado há pouco, porém, o fazendeiro queria comprar chuva. Consequência: o milagre veio em forma de castigo. Além de desenvolver uma estratégia de convencimento sobre o poder do Padre Cícero, o poeta deixa claro que, no mercado das trocas com o Além, o respeito não pode ser esquecido.

A fim de criar ou aumentar a crença nos prodígios de Juazeiro, a "Literatura de Cordel" não se cansa de lembrar os perigos da vida sem proteção. No final das narrativas que incorporam as profecias atribuídas ao Padre Cícero, é frequente o comentário sobre o destino infeliz dos desprovidos de fé. Em geral, segue-se uma escala de merecimento. Quando o pecado (ou o erro) não é de grande porte, o castigo é menor. O milagre não é aleatório, aparece dentro de uma certa coerência, deixando exemplos e lições.

Em seu estudo acerca das "crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII", Keith Thomas ressalta que, ao se buscar explicação para o infortúnio, acreditava-se que "o sofrimento era provavelmente devi-

do à culpa moral de alguém, sendo o sofredor o culpado mais provável”. Pensava-se que os seres humanos sofriam quando mereciam o sofrimento (THOMAS, 1991: 518).

Os adeptos da boa conduta receberiam benefícios e os pecadores ganhariam estradas de infortúnio. Tal forma de explicar a (in)felicidade, comum em várias configurações culturais, funcionava, em certos casos, como controle das rebeldias. A lógica do merecimento, “levando o sofredor a rever seu próprio comportamento moral, ajudava a reforçar as normas sociais existentes. Tanto a magia como a religião tornaram-se assim um importante meio de controle social”. Em outros termos: cada um devia se conformar com o infortúnio, nada mais que a natural consequência do erro. A saída única para estabelecer uma vida melhor seria livrar-se das ações condenadas nos códigos das tradições orais ou escritas (THOMAS, 1991: 518). Em Juazeiro do Norte, essa lógica seria a mesma. Isso, obviamente, levando-se em consideração que houve desvios e confusões.

4. Confusões

No poema *Os Milagres do Pe. Cícero*, Expedito Sebastião da Silva informa sobre o caso “do romeiro que veio / só para presenciar / do Padre Cícero um milagre / pra em sua terra contar”. Quando chegou a Juazeiro, o devoto ficou numa rancharia, perto da casa do Padre Cícero, esperando algo de extraordinário: “... com paciência esperava / com atividade imensa / do Pe. Cícero um milagre, / feito na sua presença”. O tempo passou e nada. Aí ele resolve falar com o padrinho:

— Meu Padrinho, há três dias
que estou em Juazeiro,
pra do senhor assistir
um milagre verdadeiro
pra contar em minha terra
como faz todo romeiro.

O Pe. Cícero ouvindo
o romeiro assim a falar,
pousou nele sério os olhos
depois disse a Ihe fitar:
não sou Deus, meu amiguinho,
para milagre operar.

Mas como aquele romeiro
com o Pe. Cícero insistisse,
para operar um milagre
para que ele assistisse

o padre pra ele olhando,
com severidade disse:

— Meu amiguinho, a você
vou um pedido fazer,
quero saber se me faz
para me satisfazer;
o romeiro respondeu:
faço com todo prazer.

— Pois bem disse o Pe. Cícero
quando em casa chegar,
você pegue a espingarda
do vizinho e vá levar
que você trouxe escondido,
sem ele lhe emprestar.

— Pois com aquela espingarda
todo dia o seu vizinho
sai pela mata caçando
pra matar algum bichinho
pra comer com a família
com seu humilde ranchinho.

— Você promete entregar-lhe
a espingarda na mão?

— Prometo, disse o romeiro
chorando de emoção
depois dali retirou-se
tristonho fitando o chão.

Padre Cícero, então, ultrapassava a “lógica do merecimento” e, no lugar de mandar um castigo, oferecia um generoso benefício. O poeta insinua: o motivo que orientou a visita desse romeiro misturou fé, desconfiança e curiosidade. Houve certa falta de respeito, é verdade, mas o castigo não foi de grande peso porque o padrinho perdoou. Afinal, importante era abrir os olhos do incrédulo para as verdades do sagrado.

Se existe coerência na realização dos milagres, isso significa que o sofredor merece apoio, e o descrente, uma justa punição. De qualquer modo, há uma lição para o bom viver. Os prodígios do Padre Cícero não oferecem somente dádivas ou penalidades, pois carregam, também, um exemplo para entrar no inventário das orientações vitais.

Isso, no entanto, não é uma regra. Às vezes, o foco não se atém ao princípio do “merecimento”. É o caso de um milagre narrado pelo Sr. Elias

Rodrigues e registrado pelo Sr. José Marques em seu livro de memórias. O Sr. Elias conta que, em 1922, seu pai foi a Juazeiro do Norte, visitar o Padre Cícero. Sua irmã não pôde fazer a viagem porque ainda não estava curada de uma enfermidade desconhecida, mas pediu para o pai trazer uma “lebrancinha do Padrinho”.

“E sua filha ficou boa”?, perguntou o padre Cícero. O romeiro diz que sim e que ela “até mandou pedir uma lebrancinha”. “Eu vou mandar, quando o amiguinho estiver de volta venha buscar”. Dito e feito. Dias depois, ele chega à casa do padre Cícero. “Está aqui a lebrancinha da menina. Não abra esta caixa enquanto não chegar na sua casa.” Era um pacote lacrado e, durante a viagem de volta, ele teve vontade de ver o que tinha dentro, mas se controlou. Quando estava chegando, avistou na frente da casa uma quantidade de pessoas fora do normal. “Será que estão sabendo da minha chegada?”, pensou. Aproximou-se mais, viu que a filha havia morrido e, chorando, abriu o pacote. Dentro, havia uma mortalha (SILVA, 1996: 62).

“Como se vê o Padre Cícero previa os acontecimentos” - assim o Sr. José Marques fecha a narrativa. Em contraste com a história contada nos versos de Expedito da Silva, o Padre Cícero não salva ninguém. Pelo contrário, faz é mandar uma mortalha. E o mais impressionante: a mortalha não tem nada a ver com um castigo, como seria de se esperar. Não é premiar, nem punir. O enredo não se desenvolve na “lógica do merecimento”. A questão é outra: o poder de prever, ou melhor, a potência de prever numa trama assombrosa. O ouvinte fica sabendo, com medo ou até pavor, que o poder do “Padrinho” tem seus caprichos e, acima de tudo, tem seus mistérios.

Fundamental é mostrar o poder misterioso em uma trama sedutora, envolvente, seja pelo medo, pelo terror ou pela dádiva. Nessa textura narrativa, que chama atenção pela arrumação de detalhes e pelos desfechos dramáticos, a performance do “Padrinho” vai do ato curativo ao presente da mortalha.

No folheto *O Homem que falou com o Diabo em Juazeiro*, João de Cristo conta sobre o farmacêutico que viu uma “aparição”: o próprio Demônio, camuflado e se apresentando como enviado do “Ministro Poderoso”. “Ministro Poderoso”, esclarece o Diabo disfarçado, “... é a estrela / do círculo da redenção / que apelidou-se com o nome / de Padre Cícero Romão”. O Diabo deveria salvar uma alma de um padre que fora condenada ao inferno porque o pai lhe jogara praga numa ocasião de descontrole. O Diabo esclareceu que o caso se resolveria com a celebração de uma missa. Em

seguida, ele falou das agruras da vida e “saiu deixando um mau cheiro”. O farmacêutico providenciou a celebração. “O diabo foi quem perdeu”, conclui o poeta, “o padre foi quem ganhou”.

Por vias não muito convencionais, o poeta fala sobre o acordo entre o bem e o mal: o Padre Cícero dá uma missão ao Diabo. E o Diabo, sem reclamar, cumpre a ordem. Sem resistência, ele faz uma boa ação, nos moldes da teologia evangélica: atende ao santo para salvar uma alma.

Ao ser indagado, pelo farmacêutico, sobre a origem do Padre Cícero, o Diabo responde: “Quando Deus formou o mundo / eu fui formado também / já se chamava este santo / o Penhor do Sumo Bem / portanto a idade dele / dela não sabe ninguém”. Além disso, chega ao ponto de dizer que ele “veio habitar neste mundo / exposto na tirania / para redimir o povo / que vem fazer romaria”. Mais ou menos fora dos cânones, o Diabo fez (ou foi obrigado a fazer) uma boa ação. Além de mostrar o poder do Padre Cícero, o “mal” se comportou como se fosse o “bem”.

Se incontáveis histórias fazem um santo e se inúmeros santos fazem uma história, tais relações carregam uma infundável articulação entre “maneiras não autorizadas de caçar”, como diria Certeau (1994). Isso significa dizer que, mesmo seguindo a tradição da hagiografia, os santos e as histórias de Juazeiro do Norte não estão em um modelo congelado.

Em cada história, há um exemplo que mostra como as coisas são, como deveriam ser, ou como vão ser. Afinal, as narrativas da experiência religiosa fazem parte dos modos pelos quais os narradores dizem o mundo, qualificando-o e constituindo-o de determinadas maneiras. O “Padrinho” ganha consistência tal como deseja o imaginário dos peregrinos. A (re)produção e a circulação de histórias sobre o Padre Cícero guardam íntima relação com a vontade de ter bem próximo um grande protetor, fazem parte de uma predisposição para o encontro com o sagrado. Afinal, a sacralidade existe quando há crenças que fertilizam essa existência.

5. Mudança e permanência

Em 1934, um divisor de águas: ele deixa de viver em Juazeiro do Norte e vai morar no Além. Isso não significa, no entanto, que ele simplesmente partiu, porque com certa frequência, ele voltou, para fazer previsões e outros milagres. João de Cristo Rei conta que o Padre Cícero, depois da morte, veio pregar em Roma, mostrando ao Papa que continuava a trabalhar pela salvação: “Do meu pessoal Romeiro / transformei-me em um Barbonho / dum idioma estrangeiro, / já converti muito Réu / ando em Roma e vou

no Céu / e visito Juazeiro.” (Folheto: *O Sermão misterioso de Padrinho Cícero Romão*).

Há uma cronologia que, no final das contas, permanece: data e lugar de nascimento; os estudos no seminário da Prainha; a volta para Juazeiro; a guerra de 1914 e outros “dados”. No folheto *Nascimento do Pe. Cícero na Cidade de Crato - Ce e o Milagre quando levantou um morto na serra de São Pedro*, José Bernardo escreve que o jovem Cícero morava no Crato e “foi para o seminário / aprender para ser padre / de Jesus Cristo um vigário”. Logo depois, o poeta esclarece que o “biografado” pertence a uma história sagrada, colocando-o no plano da eternidade: ele “veio salvar o pecador / Deus foi que o mandou / fazer o que é necessário”. A cronologia se dilui no atemporal. A existência do “mortal” emerge daquele que, ao mesmo tempo, é Alfa e Ômega.

“Com 24 anos”, continua José Bernardo, “como padre se ordenou”. Nos versos seguintes, o trânsito entre o céu e a terra permanece: “Depois que se ordenou / voltou para o Cariri / um sacerdote caridoso / Deus mandou pra nos remir / do Sul ao Norte e Estrangeiro / tem sido bom conselheiro / a quem devemos ouvir”. Aí o leitor (ou o ouvinte) fica sabendo que o Padre Cícero: “Residiu no Crato uns anos / onde foi seu nascimento / cumprindo as suas ordens / nas luzes do sacramento”. Em seguida, o folheto volta a lembrar que Cícero não era um padre comum: “Por casamento e batizado / nunca exigiu dinheiro / por bem da vida humana / nunca foi interesseiro / da Igreja sempre zeloso / ministro maravilhoso / veio salvar o mundo inteiro.”

Para alguns poetas, não basta anunciar a existência celestial antes do nascimento, em 1844. Em certas narrativas, é preciso entrar em detalhes sobre o convívio do “padrinho” com “Jesus, Maria e José”. Em outras palavras: existem “biografias” que começam com informações sobre períodos que antecedem sua primeira interferência no mundo dos pecadores. No manuscrito *Trabalhos do Padre Cícero* (MOTA, s/d: 137), João Mendes de Oliveira informa que:

A virge da Conceição,
Na hora em que reparou
Tanta desgraça na terra,
Ficou passada de dô
De vê nós no cativêro
Do demônio tentadô.

Jesus foi e perguntou:
— “Nossa Senhora das Dôre,

Me dissei, Divina Mãe,
Rainha dos Pecadôre,
Por que é que vós chorais?"
— "Meu Filho, é destes horrôre!"

Jesus, Maria, José
Proguntou a meu Padrim
Se se astrevia a morá
Nesta cidade de espim
Para salvá os cristão,
Do grande ao pequeninim.

A resposta foi positiva e Cícero veio habitar em Juazeiro do Norte. Por causa disso, "Jesus fez deste lugá / O porto da salvação / terra santa e milagrosa / Fonte de todo o perdão".

A vida do Padre Cícero faz parte de um tempo sem começo nem fim. Flutua na eternidade. Sua passagem pelo mundo dos pecadores é a manifestação de um ser eterno, cuja origem e destino se perdem na nebulosidade do infinito. Ao ser lugar onde um pedaço da eternidade fez sua morada, Juazeiro transmuta-se em território ligado às coisas do outro mundo, com portas e janelas por onde o devoto toca o sagrado.

Não se fala em "morte" do Padre Cícero. Acredita-se que, em julho de 1934, o venerado padrinho "se mudou". O caso do Padre Cícero em Roma, há pouco citado, é uma das muitas outras histórias que reafirmam a existência de uma meta-história. Várias são as narrativas que mostram a presença do "Padrinho" depois de 1934, nas mais variadas formas de fazer curas, dar conselhos ou aplicar um castigo.

Às vezes, Frei Damião assume o papel de continuador do Padre Cícero. No folheto *O Sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro*, João Fernandes diz que "...o padrinho Cícero Romão / no ano de trinta e quatro / fez uma separação / mas entregou seus romeiros / nas mãos de Frei Damião" (*Apud.* Carvalho, 1977: 16). Para Rodolfo Cavalcante, "No ano de 34 / meu padrinho se separou / e com três anos depois / Frei Damião aqui chegou / mostrando que de meu padrinho / ele é o sucessor" (*Apud.* CARVALHO, 1977: 16). Mesmo depois da morte, o "Padrinho" continua vivo. Eis uma mola mestra do grande poder de um santo protetor: a negação de sua morte.

Para os devotos, a repressão sofrida por Juazeiro é geralmente lembrada como uma penitência (provação) colocada na vida do Padre Cícero. Às vezes, o devoto fica mais indignado e elabora um retrato do inimigo, dotando-o de atributos como inveja ou desonestidade. O poeta João

Martins de Athayde, por exemplo, assegura que “o padre Cícero / não aprecia dinheiro / e isso faz desgostar, / outro padre interesseiro” (*Folheto A Vida e Novos Sermões do Padre Cícero*). O escultor José Duarte, fiel seguidor do Patriarca, diz que: “Esse negócio de suspender ele de Ordem é porque ele não trabalhava pra Santa Sé. Todo dinheiro que davam a ele, ele dava de esmola ao povo. Aí o senhor bispo via que ele não trabalhava pra Santa Sé e suspendia ele da Ordem”. (*Apud*. COIMBRA, 1980: 240).

A submissão do Padre Cícero é uma qualidade típica dos santos. Quando os devotos falam sobre o “Padrinho”, quase sempre existe uma virtude destacada: o sofrimento sem revolta, assim como sofreram vários santos e o próprio filho de Deus, que aceitou o martírio na Cruz para salvar a humanidade - claro indício de um imaginário penitencial, que coloca no sofrimento (in)voluntário o sentido de purgação do espírito.

A paciência do “Padrinho” compõe mais um elemento para provar sua santidade. Os algozes do Padre Cícero constituem uma espécie de “mal necessário”. Perseguiram-no e, por causa disso, serviram como argumento para explicitar as qualidades do grande santo protetor.

Ergue-se um Padre Cícero de acordo com o imaginário dos devotos: puro e virtuoso, porque, entre outras qualidades, era obediente, paciente e suportava, sem revolta, o pesado sofrimento da perseguição. O “Padrinho” foi criado no imaginário dos devotos com profunda força de verdade, como nos mostra o seguro depoimento do poeta João de Cristo Rei para o projeto “Literatura de Cordel” em 1977:

Dizem que nós somos fanáticos, mas fanáticos por quê? Que é que nós temos de fanatismo? (...) Mas se nós somos fã pelo Juazeiro, pelo Padrinho Cícero, é porque ele merece. Porque nós vemos nele um homem imitador de Nosso Senhor Jesus Cristo, um homem paciente, humilde, milagroso, santo, de ciência e virtude, paciência. (...) Um homem santo, um homem de verdade, um homem consolador, um homem que dava consolação a todos nós, curava todos os males, tanto da alma quanto do corpo, dava satisfação, fazia seus milagres. Eu vejo esse homem, dou valor a esse homem — quer dizer que eu sou fanático? (...) Eu vou dizer o que é fanatismo. Bem, aconteceu agora há pouco que um jogador de futebol chamado Tostão deu uma pancada no olho e veio a um médico do Brasil, no momento não me lembro qual foi a cidade. E veio fazer uma revisão no olho. E no lugar que esse homem se achava pra fazer essa revisão afluiu uma massa de gente de alta categoria, de tal maneira que foi preciso a polícia intervir, quando não, seria invadido aquele ambiente. Eu digo, isso é que é fanatismo.

Conforme João Martins de Athayde, Cícero Romão era “nascido para igreja / criado para doutrina / mandado ao mundo por Deus / cum-

prir a ordem divina / ensinar aos irmãos / tudo que a igreja ensina". Assumindo a condição de porta-voz dos devotos de Juazeiro do Norte, o poeta anunciou que a missão do Padre Cícero de salvar a humanidade dos pecados se realizava por meio da Igreja: "no seminário de Olinda / aprendeu e ordenou-se / no serviço da igreja, / de corpo e alma entregou-se" (*A Vida e os Novos Sermões do Padre Cícero*). Para os fiéis, Padre Cícero era um defensor da Igreja Católica.

Os poetas glorificam o Padre Cícero com suporte nos valores do catolicismo. Em certos casos, no entanto, o devoto extrapola a fronteira da dogmática oficial e começa a imaginar que Padre Cícero "é uma pessoa da santíssima trindade" (João Mendes de Oliveira) ou a estabelecer profecias sobre o fim do mundo. No calor das crenças, Padre Cícero é o padrinho de todos, capaz de operar milagres, oferecendo previsões, conselhos, curas e castigos. Desse modo, Padre Cícero se afasta de uma teologia clerical, pois, oficialmente, não é aceito como um santo.

Por outro lado, o Padre Cícero dos devotos está desacordado em relação à Igreja Oficial porque o leigo não devia nem podia possuir o poder de definir os lugares do sagrado. O "Santo de Juazeiro" foi gerado quando a política de "Romanização" caminhava com toda energia. A preocupação do clero romanizado não estava somente em fiscalizar o conteúdo dos ensinamentos ou crenças. Um ponto de fundamental importância era definir quem poderia transmitir esses conteúdos, quem teria a competência para guiar os rebanhos de Deus e definir o que é ou não é pecado, o que pode ou não pertencer à Igreja, o que vale ou não vale. De acordo com a política romana, somente os membros da hierarquia clerical poderiam falar sobre o sagrado.

Considerável parcela das imagens com as quais os devotos constituíram o Padre Cícero foram católicas — ainda mais, de uma Igreja tridentina; mas a fé que definiu essa sacralidade floresceu em um terreno sem legitimidade canônica: no meio de uma heterogênea massa de "católicos" (nem sempre tão católicos...) que desde os primórdios da colonização já era vista como ignorante e pecadora. Cícero é um santo feito em ambivalência: está dentro e fora da Igreja oficial.

Na voz de Manuel Caboclo, o *Sermão de Meu Padrinho no ano de 32* se compõe na rede de valores do catolicismo. De acordo com o poeta, o "Padrinho" iniciava a homilia abençoando os romeiros. Logo em seguida, anunciava: "a mãe de Deus é quem chama / o povo do mundo inteiro / para deixar suas terras / e visitar Juazeiro". Juazeiro era a terra prometida: "Quando te faltar a fé / da santa religião / ou te faltar o descanso / a água,

comida ou pão / venha para o Juazeiro / que achará remissão”. Mas era preciso ter cuidado, sobretudo com o casamento: “A mulher falsa ao marido / que a ele não considera / vai sofrer eternamente / os horrores da miséria / fica sendo escravizada / dos anjos da besta-fera”.

Os Versos Antigos dos Primeiros Poetas, registrados por Maria Campina (1985:205) seguem os mesmos valores. Mais que isso: seguem quase a mesma rima. De acordo com um poeta não identificado, Padre Cícero falava: “As mulheres falsas aos maridos / que a Deus não considera / vão sofrer eternamente / em desconto das misérias / hão de ser atormentadas / junto com a besta fera”.

Valores e rimas semelhantes. Enquanto Manuel Caboclo escreve “E o homem depravado / que deixa sua mulher / os filhos passando fome / e dá outra qualquer / o seu nome está escrito / no livro de Lúcifer”, o poeta que não se identifica registra “Estes homens depravados / que possuem muitas mulher / roubam de suas famílias / para dar a outra qualquer / têm seus nomes escritos / no livro de Lúcifer”.

Os exemplos de semelhança entre composições do cordel multiplicam-se *ad infinitum*. Se as comparações contemplam o universo dos benditos a situação é a mesma. Rimas e palavras usadas de modo semelhante evidenciam que há um complexo trânsito entre o oral e o escrito, entre o coletivo e o individual.

Há um fluxo entre escritor e leitor, entre declamação e audição. O sujeito da criação torna-se coletivo, perde-se no meio das tradições, atualizadas ou não. O cordel pode ter matriz em um bendito, o bendito poder ser inspirado em um milagre que o romeiro vivenciou ou em outro cordel. Essa rede sem fim dilui, em certa medida, a noção de autor que se faz na ideia de criação realizada pelo ato individual (Cf. FOUCAULT, 1992 e CHARTIER, 1999).

No caso do cordel, lidar com o que está escrito é, necessariamente, já entrar em contato com um leitor, ou um ouvinte. Ante a intensidade com que acontece o trânsito entre oral e escrito, entre oralidades e escrituras, a noção de leitura mistura-se, em vários sentidos, com a ideia de autoria. A imensurável profusão de narrativas — escritas, faladas ou cantadas — que circulam nas devoções de Juazeiro do Norte e as múltiplas relações entre o que cada devoto escuta ou lê constituem um caleidoscópio em que as figurações não permitem separações nítidas entre autor e leitor, ou entre autor e ouvinte.

Por outro lado, vale lembrar que fazer cordel é, também, um “meio de vida”. Mesmo tratando-se de uma criação coletiva e de devoção, o folheto sobre Juazeiro do Norte é, também, uma mercadoria. Isso faz com que, em certos momentos, o direito autoral seja reivindicado. Expressando a relação entre sobrevivência e criação poética, o poeta-devoto João de Cristo Rei tentou inibir o plágio com uma advertência publicada no fim de um cordel: “Meu folheto é registrado / Processo dentro da lei / Ladrão que for encontrado / Publicando verço meu / Sem ter por mim rubricado” (*Apud.* CARVALHO, 1994: 72).

Para qualificar o Padre Cícero, o devoto lança mão de sua experiência religiosa calcada no catolicismo: nascimento sem a participação do sexo e planejado pela Sagrada Família; infância dedicada às orações; vocação precoce para o sacerdócio; voto de castidade; conselheiro dentro dos princípios clericais; obediente; caridoso; desprendido das “riquezas materiais”; adepto da penitência e “imitador de Nosso Senhor Jesus Cristo” (JOÃO DE CRISTO REI); sacerdote honesto, bom, incompreendido e perseguido. Com esses predicados, os fiéis configuram a vida do Padre Cícero e juntam argumentos para dizer que ele é o “Grande Santo do Sertão”.

Acreditar na trajetória miraculosa do Padre Cícero, ouvindo e (re)produzindo histórias de um mundo encantado, é realizar um ritual que fornece contorno e impulso para o ato de acreditar, dando-lhe mais e melhor visibilidade. Significa encontrar (ou procurar) palavras para anunciar — e ao mesmo tempo criar — a vivência religiosa.

Em certo sentido, essas narrativas são constituídas pelo calor da linguagem poética, que coloca palavras ou imagens em espaços de encantamento e fé. Como ressalta Bachelard, quando se refere ao “excesso de vida” no calor da imagem poética: “... há sentido em falar de uma linguagem quente, grande lareira de palavras indisciplinadas onde se consome o ser, numa ambição quase louca de promover um mais-ser, um mais que ser.” (1990: 35).

Quem acredita nos poderes de Juazeiro do Norte tem sempre algo para contar. Cada “causo do padrinho” alimenta a religiosidade, produzindo o encantamento e o calor das palavras sobre os milagres de Juazeiro. A fé produz histórias e as histórias exprimem fé.

Com origem em novos acontecimentos, os fiéis refazem suas memórias. Nesse processo descontínuo e ambíguo, são elaboradas novas interpretações em torno de parâmetros instituídos pela tradição. Por exemplo:

em 1961, no calor da “Guerra Fria”, o poeta João José da Silva publicou o folheto *Palavras do Padre Cícero Sobre a Guerra Nuclear*. Abraão Batista escreveu *Receita do Padre Cícero contra o Cólera*, publicado em 1992, quando o Ceará estava ameaçado por essa epidemia. Vários outros títulos revelam que a fé se renova de variadas maneiras: *A voz do Padre Cícero contra a Guerra das Malvinas*, escrito por João de Barros; *Encontro de Tancredo com Pe. Cícero no Céu*, do poeta Pedro Bandeira ou *A visita de Luiz Gonzaga ao Padre Cícero Romão*, feito por Lucas Evangelista para narrar a chegada do “Rei do Baião” ao Paraíso Celeste.

Com o passar do tempo, a imagem do Padre Cícero vai se constituindo das mais variadas maneiras. Além das imagens colocadas no oratório doméstico, na capa do cordel e em outros lugares de devoção, há produtos como o “Vinho Padre Cícero” e a “Pomada Padre Cícero”. Ademais, uma enorme quantidade de estabelecimentos no Nordeste, ou até mesmo em outras regiões, recebe o nome “Padre Cícero”: farmácias, oficinas, lojas, lanchonetes, borracharias, postos de gasolina, restaurantes, mercearias...

Vislumbrar as imagens do “Santo de Juazeiro” assemelha-se à manipulação de um caleidoscópio. Sua memória se faz em múltiplas temporalidades e nos mais distintos suportes. Sua força simbólica reside nessa variedade de contornos, nesse constante reordenamento de traços que atualiza imaginários da tradição. Do santo da casa à casa do santo, o imaginário em torno do Padre Cícero é uma peleja sem fim.

Se vários santos inventam a hagiografia de Juazeiro do Norte, se inúmeras histórias criam a santidade do “Padrinho”, isso significa que a experiência religiosa se faz em múltiplos tempos e espaços, que se movimentam nas escritas do cordel, nas oralidades, nas rezas, nos benditos, no caminhar de cada devoto, na carne que vibra a cada impacto dos pés a palmilhar o território sagrado... É uma experiência composta no cheiro de caldo de cana ou no suor nas ruas cheias de romeiros; no calor da vela queimando sobre o túmulo do “Padrinho”, na quentura do sol que o chapéu de palha não consegue minorar, na voz do ambulante que procura seduzir os romeiros... Memória e esquecimento atualizam o sangue derramado, por meio dos ouvidos que escutam, dos olhos que veem e dormem, do nariz que cheira, da boca que fala, reza e come, da pele que sente, dos pés que andam no chão sagrado...

Referências Bibliográficas

1. Literatura de Cordel

ATHAYDE, João Martins de. *A vida e novos sermões do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, 1950. 15p.

REI, João de Cristo. *A Profecia Misteriosa sobre os trez dias de escuro*. s/d. 08p.

_____. *Profecia de Padrinho Cícero sobre os 3 estrondos, o desencanto do horto e do rio Jordão*. s/d. 03p.

_____. *Profecia, vida e morte de Padrinho Cícero Romão*. s/d. 07p.

_____. *Profecia de Padrinho Cícero sobre a Igreja do Horto*. Juazeiro do Norte. s/d. 08p.

_____. *O que diz Meu Padrinho Cícero sobre a Santa Romaria*. s/d. 07p.

_____. *O Sermão Misterioso de Padrinho Cícero*. s/d. 08p.

_____. *O Mundo em Lamentação*. s/d. 08p.

_____. *O Velho que Enganou o Diabo*. Juazeiro do Norte, s/d. 08p.

_____. *História da Guerra de Juazeiro em 1914*. Juazeiro do Norte, s/d. 08p.

_____. *Nascimento de Padrinho Cícero e a troca misteriosa das Crianças*. Juazeiro do Norte, 1978. 08p.

_____. *O homem que falou com o Diabo em Juazeiro*. Juazeiro do Norte. s/d. 09p.

_____. *Os Milagres de Padrinho Cícero*. s/d, 08p.

GONÇALVES, Severino. *A Moça que virou cobra*. s/d. 08p.

PACHECO, José. *Lampeão e a Velha Feiticeira*. s/d. 08p.

SILVA, Expedito Sebastião da. *Os Milagres do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte.

_____. *Em Defesa do Pe. Cícero 'O Apóstolo do Nordeste'*. Juazeiro do Norte, 1983.

SILVA, João Vicente da. *Exemplo da Moça que virou cobra porque falou do Padre Cícero*. s/d. 08p.

SILVA, José Bernardo da. *O Nascimento do Padre Cícero na cidade do Crato - Ceará*. s/d. 08p.

_____. *O Cruzeiro do Horto levantado pelo Revmo. Pe. Cícero e sua congregação entre 1900 e 1901*. Juazeiro do Norte, 1942. 08p.

SILVA, Manoel Caboclo e. *O Sermão de meu padrinho no ano de 32*. Juazeiro do Norte, 1989. 06p.

_____. *O Padre Cícero em Roma*. 1979, 08p.

_____. *A Visita dos Romeiros como era antigamente*. s/d. 08p.

SILVA, Minelvino Francisco. *A Guerra do Juazeiro e o Poder do Padre Cícero*. s/d. 08p.

2. Documentos

ADERALDO, Cego. *Eu Sou Cego Aderaldo*. São Paulo: Maltese, 1994.

ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. *Um Sertanejo e o Sertão*. Rio de Janeiro: J. Olímpio; Brasília, INL, 1976.

ANDRADE, L. Costa. *Sertão A Dentro (alguns dias com o Padre Cícero)*. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1922.

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero: Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.

ARAÚJO, Antônio Gomes de. "Padre Pedro Ribeiro da Silva – o fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte". *Revista Itaytera*, ano IV, n. IV, 1958.

BARTHOLOMEU, Floro. *Joazeiro e o Pe. Cícero - Depoimento para a História* (Discurso em resposta ao Dr. Paulo de Moraes e Barros, membro da comissão incumbida pelo Governo Federal de inspeccionar as Obras do Nordeste). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1923.

BEZERRA, Antônio. *Notas de Viagem*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

BRITO, José Figueiredo. "A Contribuição dos Romeiros na construção Econômica do Cariri". *Revista Itaytera*, ano 02, 1956.

CAMELLO, C. Nery. *Atravéz dos Sertões*. Rio de Janeiro: Editora a Noite, 1939.

CAMPINA, Maria Conceição Lopes. *Voz do Padre Cícero e Outras Memórias*. São Paulo; Ed. Paulinas, 1985.

CASTRO, Godofredo de. *Joazeiro na Assembléa Legislativa do Ceará – Discursos pronunciados nas sessões de 16, 19, 22 e 23 de Setembro de 1925*

refutando acusações feitas pelo deputado Martins Rodrigues ao padre Cícero Romão Baptista e ao dr. Floro Bartholomeu da Costa. Fortaleza: Typographia S. José, 1925.

“Cópia Authêntica do Processo Instruído Sobre os Factos do Joazeiro (1891)”. (IMOPEC- Instituto da Memória do Povo Cearense - Fortaleza.)

DELGADO, Dom José de Medeiros. *Juazeiro, Padre Cícero e Canindé* – documentário pastoral. Fortaleza, 1968.

DINIS, Manoel. *Mistérios de Joazeiro*. Joazeiro: Tipografia Joazeiro, 1935.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. *Juazeiro e o Pe. Cícero: cenas e quadros do Fanatismo no Nordeste*. São Paulo: Ed. Comp. Melhoramentos, s/d.

MACEDO, Padre Manuel. *Joazeiro em Foco*. Fortaleza: Empresa Editora de Autores Católicos, 1925.

MACEDO, Nertan (org.). As Quatro Pastorais de Dom Joaquim José Vieira. In: *O Padre a Beata*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1961.

XAVIER DE OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que Eu Conheci*. Recife: Editora Massangana, 1982.

XAVIER DE OLIVEIRA, Antônio. *Beatos e Cangaceiros*. Rio de Janeiro, 1920.

THEÓPHILO, Rodolpho. *A Sedição do Joazeiro*. São Paulo: Monteiro Lobato & C. – editores, 1922.

VIDAL, Reis. *Padre Cícero – Joazeiro visto de perto, o padre Cícero Romão Baptista sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Gráfica A Noite, 1936.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular Na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *A Terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

CARVALHO, Gilmar de. Editoração de Folhetos Populares no Ceará. *Revista de Comunicação Social - UFC*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, v.17, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *A invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1996.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELUMEAU, Jean. *A Confissão e o Perdão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FERREIRA, Jerusa Pires. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. de 1993

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. *O Folclore no Cariri*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Belo Horizonte: Vega – Passagens, 1992.

_____. (org.) *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KUNZ, Martine. Os Milagres do milagre na voz do poeta popular. *Jornal D. O. Letras.* Fortaleza, n. 16, novembro de 1989.

_____. O Sonho, o Padre e o Poeta. *Revista Documentária Comemorativa dos 150 anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista.* Fortaleza, 1994.

_____. Pe. Cícero e a Literatura de Cordel. *Anais do Seminário 150 anos do Pe. Cícero.* Fortaleza: RCV Gráfica e Editora, 1994.

_____. *Expedito Sebastião da Silva: poeta-artesão de Juazeiro do Norte.* Juazeiro do Norte: Edições Ipesc-Urca, 1977.

MATOS, Edilene. *O Imaginário na Literatura de Cordel.* Salvador: Edições Macunaíma, 1986.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Para uma Leitura Sociológica da Literatura de Cordel. *Revista de Ciências Sociais - UFC.* Fortaleza, vol. VIII, 1977.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. *História da Civilização Brasileira* (tomo III, volume 2). São Paulo: Difel, 1977.

MOTA, Leonardo. *Cantadores (poesia e linguagem do Sertão Cearense).* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, s/d.

_____. *Violeiros do Norte.* Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1955)

RAMOS, F. Régis Lopes. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades.* Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 1991.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e Poesia Popular.* Rio de Janeiro: Funarte /Instituto Nacional do Folclore, 1986.

RONDELLI, Beth. *O Narrado e o Vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e seu Simbolismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

SLATER, Candace. *Trail of Miracles*. Oakland: University of California Press, 1986.

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os Gregos nos Seus Mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987.

VITAL E SOUZA, Candice. *A Pátria Geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora UFG, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *La Mesure du monde*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

_____. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec / Educ, 1997.

**Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos*

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Consultoria do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural.